

Paraná rural

SUPLEMENTO JORNAL O PARANÁ | QUINTA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2019



O abandono da produção de leite

PÁGINA 5



Não importa o tamanho da Frota da sua empresa, nós temos o seguro que você precisa!

 **SEGURO PARA FROTAS**

www.vipdinamica.com.br



DINÂMICA
CORRETORA DE SEGUROS

ESCRITÓRIO 1 . 45 3225-0406
Rua Salgado Filho, 1956 - Centro
ESCRITÓRIO 2 . 45 3037-1037
Rua Lins 180 - Sl 102 - Bairro São Cristóvão
ESCRITÓRIO 3 . 45 3306-8081
Av Rocha Pombo 1504 - Bairro Nova York
CASCAVEL - PARANÁ

Plantio e colheita

ALTON SANTOS

A Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná divulgou, por meio do Deral (Departamento de Economia Rural), o relatório de plantio, colheita e comercialização das principais safras do Estado. O levantamento apontou que o plantio do milho segunda safra no Estado já atingiu 47% do total da área esperada. Nos dados da semana passada, esse índice era de 38%. Desse montante, 65% está em descanso vegetativo e os outros 35% ainda seguem em germinação.

Já nos dados referentes à 1ª safra, o Paraná apresenta 80% avaliado como condição boa e 20% como média. A maior parte plantada ainda se encontra na fase de frutificação (50%), enquanto 5% permanecem em floração e 45% já avançaram para a maturação.



DIVULGAÇÃO

Safra menor



Desde 2015 o Programa Pecuária Moderna vem se consolidando como uma estratégia fundamental para tornar a cadeia de carne bovina paranaense mais competitiva, além de melhorar a produtividade e aumentar a renda dos produtores.

Para ampliar os resultados dos associados por meio de técnicas eficientes, a CooperAliança, cooperativa produtora de carnes de Guarapuava, assinou um termo de cooperação com o Instituto Emater, um dos parceiros do programa, assim como o Sistema

Faep/Senar-PR. Nessa mais recente parceria, a Emater é responsável por prestar assistência técnica aos cooperados aos moldes do Programa Pecuária Moderna.

Segundo o diretor-presidente da Emater, Natalino Avance de Souza, esse trabalho possibilita o estudo de novas oportunidades de negócios para os pecuaristas, principalmente na agricultura familiar. “O desejo é estabelecer uma relação bem profissional, trazer bons resultados para os pequenos agricultores. A Emater entende que há uma necessida-

de de escala de produção e vamos ajudar a melhorar isso. Então, estamos entrando muito nesse foco de como transformar esse potencial”, afirma.

Os técnicos da Emater já atendem às demandas da cooperativa, entendendo o sistema de produção estabelecido e auxiliando no papel estratégico. “Vamos fazer um trabalho bem alinhado. Os técnicos acompanham de perto, fazem análises e levam novas estratégias para dentro do sistema de produção”, explica o diretor-presidente.

Mudanças de regras Receita Federal

Foi publicada na edição do Diário Oficial da União de ontem a retificação da Instrução Normativa RFB nº 1.867, de 25 de janeiro de 2019, da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil que, entre outros ajustes, altera a redação disposta no Anexo IV, estabelecendo que o produtor rural pessoa física equiparado a autônomo (contribuinte individual), empregador que optar por contribuir sobre a folha de pagamento não deverá recolher a contribuição de 2,5% ao Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) sobre a folha e, sim, 0,2% (dois décimos por cento) sobre a comercialização da produção rural.

A Receita Federal esclarece que, independentemente da op-

ção exercida pelo produtor rural empregador pessoa física ou jurídica pelo recolhimento da contribuição previdenciária incidente sobre a folha de salários, em substituição à contribuição incidente sobre a comercialização da produção rural, a retenção e o recolhimento para o Senar continuarão sendo sobre a comercia-

lização da produção rural.

“A publicação não trata de nova Instrução Normativa mas, sim, de uma retificação do texto original da IN 1.867, devendo ser observadas as disposições nela contida”, lembra o analista de Desenvolvimento Técnico do Sistema Ocepar, Rogério Croscato.

COLUNA



AEFOS/PR
ASSOCIAÇÃO DOS ENG. FLORESTAIS DO OESTE E SUDOESTE DO PARANÁ
CNPJ: 10.997.642/0001-60
Rua José Cleto, 889, casa 5 – Dois Vizinhos – PR
– CEP: 85660-000
Email: aefospr@gmail.com

Sistemas agroflorestais na agricultura familiar

A prática de cultivar espécies florestais (arbóreas, arbustivas, arbustos, palmeiras e bambus) em conjunto com cultivos agrícolas e/ou animais, em um mesmo espaço com diversas finalidades, chamamos de sistema agroflorestal. Esses sistemas de práticas milenares se tornaram importantes aliados dos pequenos agricultores para a diversificação da produção e renda, bem como segurança alimentar familiar. Constituem-se em uma alternativa sustentável para a preservação de florestas nativas, visto que este sistema pode ser utilizado em áreas de preservação permanente (APP) e áreas de preservação ambiental (APA).

Ao passo que avançamos para a produção em larga escala com a exportação de commodities, beneficiando uma pequena parte de agricultores detentores de grandes áreas de cultivo, os sistemas agroflorestais se aliam a resistência no campo através do cultivo de variadas espécies, que, além de renda, modificam positivamente paisagens e biodiversidade local, diminuem a erosão dos solos, assoreamento de rios, fortalecendo o elo entre o homem e a natureza.

O sistema agroflorestal consiste em trabalhar a floresta de forma holística, compreende as questões econômicas (desenvolvimento e ganho econômico), ecológicas (proteção ambiental e conservação dos solos) e bem-estar social. A escolha das espécies varia de acordo com a finalidade do sistema, incluindo madeira, lenha, plantas medicinais, alimentícias, resinas, entre outros.

A implantação e/ou a condução de florestas nativas em sistemas agroflorestais dentro da pequena propriedade rural é realidade no oeste do Paraná. Um exemplo de destaque de sistema agroflorestal se encontra no município de São Miguel do Iguçu, na propriedade do senhor Luiz Antonio Arruda. A pequena propriedade traz diversidade de produção e conservação ambiental em seus bem distribuídos 5 hectares.

Para quem não tem conhecimento do sistema, a floresta se apresenta como um emaranhado de espécies crescendo e produzindo em pequenos espaços dentro da propriedade. Mas a visita acompanhada pelo proprietário possibilita ao visitante conhecer um pouco mais da história do lugar e como tudo foi tomando forma e ocupando o seu devido espaço com planejamento e dedicação do produtor.

Além da comercialização em feiras locais e entrega a programas institucionais como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), a participação no Circuito Regional de Turismo se constitui em outra importante atividade geradora de renda para a propriedade, vinculada à atividade agroflorestal, promove a recepção de pessoas para a realização de visita orientada em meio a agrofloresta, através de um circuito por uma trilha que possibilita ao visitante conhecer o processo produtivo, e a grande diversidade de espécies presentes na propriedade, tornando-se referência em educação ambiental, regionalmente conhecido.

Desta forma, os sistemas agroflorestais proporcionam ao pequeno agricultor uma ferramenta na busca pelo desenvolvimento rural sustentável. Através de práticas agroecológicas, beneficiam e recuperam ecossistemas, mantêm e/ou promovem a biodiversidade e garantem a segurança alimentar com a produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos.

Toda essa temática voltada ao desenvolvimento de sistemas agroflorestais é objeto de atuação regulamentada dos Engenheiros Florestais, os quais se preparam em estudo aprofundado sobre o tema, em sua graduação e pós-graduação, estando plenamente capacitados a atuarem em projetos, implantação e manejo de sistemas agroflorestais.

Mariangela Borba é engenheira florestal, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste de Mal. Cdo. Rondon e sócia Aefos/PR - mariangelaborba@hotmail.com

expediente

DESDE 15 DE MAIO DE 1976

O Paraná
Jornal de Fato

Direção-Geral
Clarice Roman

Diretor
Jadir Zimmermann
diretor@oparana.com.br
jadir.jornalista@gmail.com

Editora-chefe
Carla Hachmann
editoria@oparana.com.br
www.oparana.com.br

Jornal Oparana S/A CNPJ: 21.819.026/0001-36 Matriz
Jornal Oparana S/A CNPJ: 21.819.026/0002-17 Filial

Redação, administração, publicidade e oficinas
Rua Pernambuco, 1.600 - Cascavel - PR
CEP 85.810-021 - Caixa Postal 761
Telefone Central (45) 3321-1000 Fax (45) 3321-1020

REPRESENTANTES NACIONAIS

Curitiba / São Paulo / Merconet
(41) 3079-4666

Brasília, Florianópolis/Central
(61) 3323-4701 / (48) 3216-0600

Porto Alegre/Expansão Brasil
(51) 3340-1408

Emails

redacao@oparana.com.br

comercial@oparana.com.br

assinaturas@oparana.com.br

Copacol cresce 11% e fatura R\$ 3,841 bilhões em 2018

A Copacol realizou neste mês de fevereiro sua AGO (Assembleia Geral Ordinária). Além da prestação de contas referente ao exercício de 2018, também foram realizadas as posses do Conselho de Administração, eleito para os próximos quatro anos, e do Conselho Fiscal, eleito para ano corrente.

Segundo o presidente da Copacol, Valter Pitol, mesmo com todas as adversidades que foram enfrentadas no ano passado, a cooperativa apresentou crescimento de 11%, que resultou em um faturamento de R\$ 3,841 bilhões. Um bom resultado para a Copacol e seus cooperados já que, no exercício de 2018, as sobras destinadas para os cooperados chegam a R\$ 53 milhões, sendo que 50% desse valor foi antecipado em dezembro de 2018 e o restante foi pago no início de fevereiro.

Além disso, a Copacol realizou investimentos importantes como a conclusão da segunda linha de abate da Unitá, o início das obras do Centro de Distribuição em Corbélia e da nova unidade de recebimento e armazenagem de cereais na Comunidade Melissa, junto com as aquisições das unidades de Carajá e de Palmitolândia. “Conseguimos superar os desafios de 2018, porque trabalhamos juntos. Agradecemos a participação de todos e vamos traba-



Bom desempenho foi apresentado em números na assembleia ordinária

lhar ainda mais forte neste ano para oferecer ainda mais oportunidades de renda e qualidade de vida para os nossos cooperados, colaboradores, parceiros e toda a região”, afirma o presidente Pitol.

PROFISSIONALISMO

O presidente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, destacou o profissionalismo da diretoria e o modelo de gestão da Copacol, que é uma referência para o cooperativismo brasilei-

ro: “A Copacol é um modelo de sucesso que sempre ressaltamos no Paraná e no Brasil dentro do sistema cooperativista, porque os investimentos realizados na diversificação das suas atividades geram milhares

de empregos e oportunidades para os cooperados e toda a região. Esses são fatores que possibilitaram a cooperativa alcançar estes expressivos resultados mesmo em um ano tão desafiador como foi 2018”.

Crea e IAP se unem na fiscalização ambiental

Entra em vigor neste sábado (16) o acordo de cooperação técnica entre o Crea-PR (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Paraná) e o IAP (Instituto Ambiental do Paraná), firmado em dezembro de 2018 e publicado no Diário Oficial da União no fim do ano.

Pelo convênio, os órgãos trocarão informações nas áreas de fiscalização, cooperação administrativa, desenvolvimento gerencial e de dados. Com isso, Crea-PR e IAP terão acesso compartilhado a documentos importantes de todas as regiões paranaenses, como as declarações de licenciamentos ambientais. A ideia é fortalecer a fiscalização.

Para a gerente do Defis (Departamento de Fiscalização do Crea-PR), Mariana Alice Maranhão, a parceria amplia a atuação dos órgãos, direcionando a fiscalização, conforme os princípios da assertividade e universalidade, uma vez que, baseando-se em informações previamente disponíveis, a eficácia da fiscalização aumenta. Ela ainda diz que a união dos órgãos também gera benefícios aos funcionários e profissionais, já que ambos terão os conhecimentos ampliados por meio de palestras e capacitações.

Na prática, o Crea-PR fiscali-



Convênio passa a vigorar em dois dias e deverá complementar serviços

za a atividade profissional, não a falta dela. Assim, quando identificado pelo conselho que uma empresa não cumpriu alguma normativa do IAP, o canal direto de troca de informações agilizará o encaminhamento para que o órgão exerça seu poder de atuação. Da mesma forma, durante a análise de um processo onde há a participação profissional existam dúvidas sobre sua

atribuição, o IAP poderá consultar o Crea de maneira direta, agilizando o trabalho e não permitindo que um processo siga com irregularidades.

Pelo banco de dados, o Crea-PR poderá verificar se os relatórios ambientais estão sendo apresentados por profissionais habilitados. E o Instituto Ambiental do Paraná analisará a regularidade dos serviços, se há emissão de ART (Anotação de

Responsabilidade Técnica) - instrumento legal necessário à fiscalização das atividades técnico-profissionais - e os dados do responsável técnico ambiental.

MELHORIA CONTINUADA

Para o gerente do Crea-PR na Regional de Cascavel, o engenheiro civil Geraldo Canci, parcerias como essa reforçam a eficiência da autarquia e é importante instrumento para me-

lhorar a continuidade. “Destaco a importância das parcerias entre os órgãos de fiscalização, para que possamos ser mais eficientes e eficazes e evitar o exercício ilegal das profissões e da conduta ética dos profissionais”, frisou, e seguiu: “Com esse tipo de parcerias poderemos ampliar a fiscalização com redução de custos, possibilitando a minimização de riscos e acidentes”.

Culinária

Pãezinhos com linguiça churrasco Copacol

INGREDIENTES:

- 1 kg de Linguiça para Churrasco Copacol
- 12 minipãezinhos franceses
- 200 g de requeijão cremoso
- 4 colheres de sopa de cebolinha verde picada
- 4 colheres de sopa de mostarda
- 100 g de queijo muçarela ralado grosso
- 2 colheres de sopa de azeite de oliva
- 1 cebola média picada
- 1 dente de alho picado

MODO DE PREPARO:

Corte os pãezinhos ao meio no sentido do comprimento. Retire o miolo e deixe uma casca com uma espessura de 0,5 cm.

Em uma panela com o azeite, doure a cebola e o alho, junte a Linguiça Churrasco Copacol (sem a película), o cheiro verde, a mostarda e mexa bem até que a linguiça esteja cozida.

Sobre cada metade de pão, coloque uma colher de sopa de requeijão, duas colheres de recheio de linguiça, salpique com o queijo muçarela e coloque numa assadeira sem untar. Leve para assar em forno pré-aquecido por 15 minutos ou até dourar. Sirva em seguida.



Torta de maçã sueca

INGREDIENTES:

MASSA

- 3 xícaras de farinha de trigo
 - 1 colher de sopa de açúcar
 - 1 colher de chá de sal
 - 1 colher de chá de fermento
 - 150g de manteiga sem sal bem gelada (cortada em cubos)
 - 1 caixinha de creme de leite (com soro e tudo)
 - Canela a gosto (coloquei 1 colher de sopa)
 - 1 gema para pincelar
- #### RECHEIO
- 4 maçãs grandes fatiadas (ou 6 entre pequena e média)
 - Sumo de 1 limão
 - 1 colher de sopa de canela
 - 1 pitada de cardamomo (opcional)
 - 1 pitada de noz-moscada (opcional)
 - 3 xícaras de açúcar
 - 150 gramas de manteiga sem sal derretida
 - 1 xícara de farinha de trigo
 - 1 pitada de sal
 - 1 ovo levemente batido



Enrole a massa no rolo de macarrão e desenrole sobre a forma. Com os dedos, pressione a massa contra as laterais e retire as sobras.

Coloque a forma dentro da geladeira enquanto prepara o recheio.

RECHEIO

Fatie as maçãs e coloque em uma tigela com o sumo do limão.

Adicione 1 xícara de açúcar, a canela, o cardamomo, a noz-moscada, misture e reserve.

Em outra tigela, misture a manteiga derretida com as duas xícaras de açúcar restantes, a farinha de trigo, o ovo levemente batido, o sal e a noz-moscada.

Acrescente metade das maçãs fatiadas.

Transfira para a forma o recheio e cubra depois com as maçãs restantes.

Transfira para a forma o recheio e cubra depois com as maçãs restantes.

FINALIZAÇÃO

Abra a massa que restou em superfície enfarinhada e corte em tiras.

Cubra a torta com as tiras primeiro em posição horizontal e depois em posição vertical, deixando um espaço entre elas de aproximadamente 1 dedo.

Pincele a com a gema do ovo, e polvilhe com açúcar e canela se desejar.

Deixe a torta assar por no mínimo 1h em fogo médio, até dourar (esse tempo pode variar até 1h e 30min).

MODO DE PREPARO:

MASSA

Preaqueça o forno a 180°C (temperatura média).
Numa tigela grande, coloque a farinha, o sal, o açúcar, a canela e o fermento.
Junte os cubinhos de manteiga e misture até formar uma farofa grossa (não deixe a manteiga dissolver completamente).
Junte o creme de leite e trabalhe a massa até formar uma bolota.
Transfira a massa para uma superfície lisa e enfarinhada e sove até que ela fique uniforme.
Corte e reserve na geladeira um terço da massa, que será usada para decorar a torta.
Com um rolo, numa superfície enfarinhada, abra o pedaço restante da massa até ficar grande o suficiente para cobrir o fundo e a lateral da forma (25 cm).

Macarrão de panela de pressão

INGREDIENTES:

- 1 fio de azeite
 - 1 cebola picada
 - 4 dentes de alho picado
 - 1 lata de milho
 - 100 g de presunto picados
 - 160 g de azeitona
 - 1 lata de molho de tomate
 - 1 caixa de creme de leite
 - 600 ml de água quente
 - 2 folhas de louro
 - 1 pacote de macarrão parafuso ou penne
 - 100 g de queijo mussarela picado
 - sal a gosto
 - pimenta-do-reino a gosto
- ### MODO DE PREPARO:
- Em uma panela de pressão, aqueça 1 fio de azeite e refogue a cebola e o alho picado. Adicione o milho, o presunto,



a azeitona, o molho de tomate, o creme de leite e a água quente.

Mexa bem.

Adicione as folhas de louro, o macarrão e o queijo.

Tempere com sal e pimenta-do-reino a gosto.
Feche a panela e deixe na pressão por 10 minutos.
Finalize com queijo parmesão e decore com salsinha.

Quando o consumidor faz a propaganda, não tem erro. Experimente!

Peito Desfiado
Copacol...
Bom demais!

www.copacol.com.br

Copacol
Apaixonados por sabor

Três de cada dez produtores de leite abandonaram a atividade

O oeste representa a segunda maior bacia leiteira do Estado. Atrás apenas dos Campos Gerais, Toledo, Marechal Cândido Rondon e Cascavel respondem pelas principais produções, respectivamente, mas esse é um setor que, caso não se reinvente, poderá sofrer danos irreversíveis. O diagnóstico é de quem entende da área.

Um mapeamento da produção realizada a partir de uma chamada pública realizada pelo zootecnista do Instituto Emater Sérgio Haroldo Hein, identificou que existem hoje no oeste em torno de mil propriedades produtoras de leite e que, juntas, produzem cerca de 350 milhões de litros por ano, mas o número de estábulos já foi muito maior.

Somente nos últimos três anos cerca de 30% dos pecuaristas deixaram a atividade. As

vacas foram para o açougue e a pastagem, na maioria dos casos, virou lavoura de grãos.

O cenário em decadência está em vias de nova retração. Para o zootecnista, outros 10%, cerca de 100 produtores, podem abandonar a atividade ainda neste ano caso algumas medidas não sejam adotadas, dentro e fora da porteira.

Como a produção do leite está focada basicamente em pequenas propriedades, muitos ainda enfrentam com resistência o avanço da tecnologia para o aumento da produção e enxergam no setor quase que um emprego com renda mensal, o famoso cheque do leite para pagar as contas de luz, o mercado, mas não conseguem fazer, por exemplo, um acompanhamento básico financeiro da produção para saber se há lucro ou prejuízo. “Assim aconte-

ceu comigo. Fui quebrando aos poucos e, quando vi, estava endividado. Deixei o leite, vendi as vacas, hoje com um pouco mais de experiência penso em voltar, mas só se for para ter algo que dê retorno, porque trabalho dá bastante, então precisa dar resultado”, afirma o produtor Euclides Lourenço.

Devido à baixa tecnologia para produção e a falta de controle mais rigoroso de qualidade e de higiene, o leite produzido em diversas propriedades acaba rejeitado pelos compradores ou sofre descontos na hora da venda. “A gente se preocupa com questões sanitárias e de qualidade na cadeia pecuária assim como as carnes de aves, suína, bovina, por que a gente não faz o mesmo com a qualidade do leite?”, considera o agrônomo, técnico da Emater Marco Antonio Abreu de Andrade.

ORIENTAÇÃO

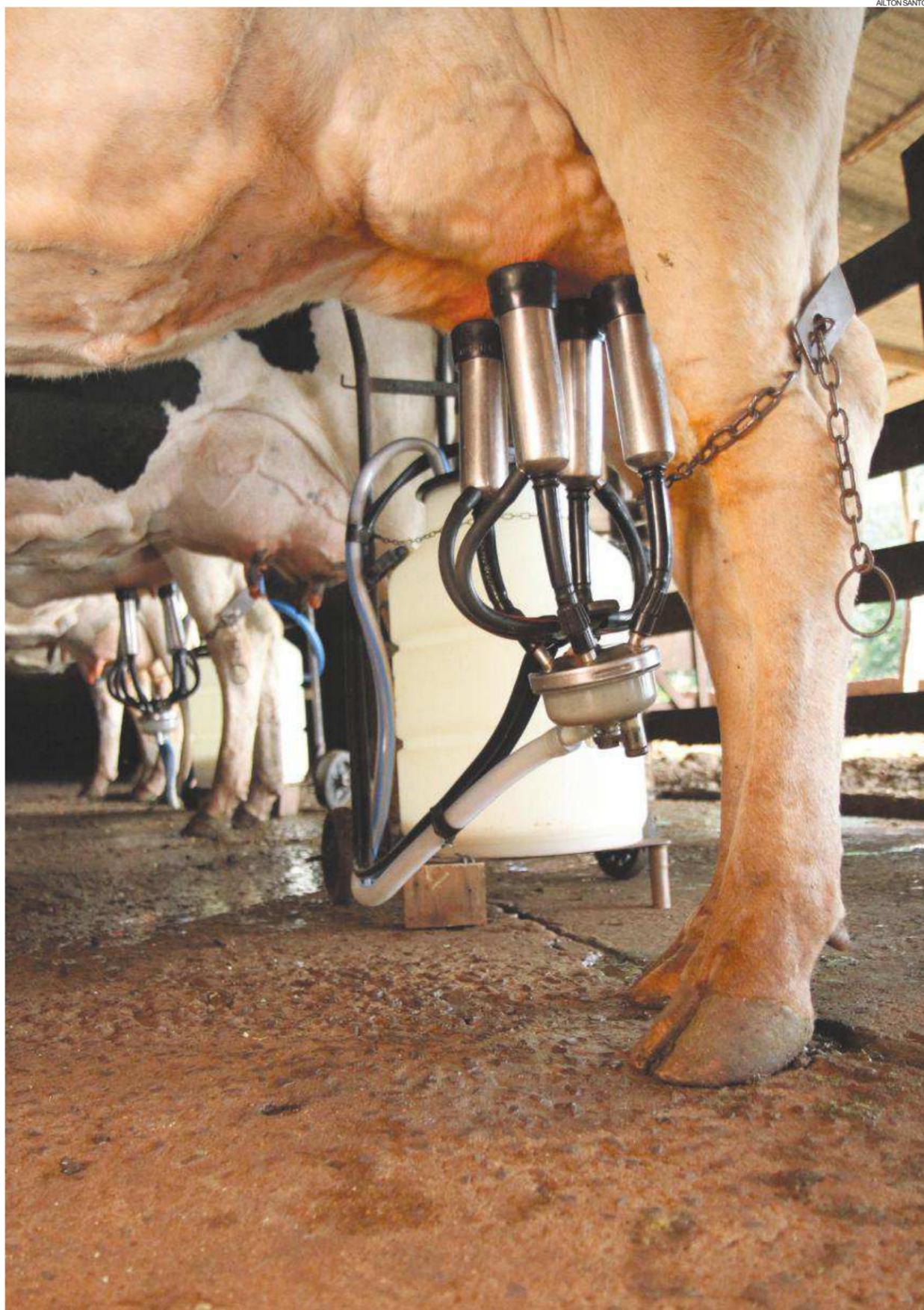
Enquanto o zootecnista Sérgio Haroldo Hein fez um trabalho de campo para identificar os principais gargalos da profissão, o agrônomo sai a campo para dar assistência técnica e orientar. Tem a dura missão de aconselhar e indicar caminhos que podem levar ao aumento de produtividade e da qualidade, diminuição do custo de produção de modo que, juntas, essas medidas possam tornar o segmento muito mais rentável, sustentável.

“Saímos de vez da crise vivida no setor em 2015, mas vez ou outra sofremos interferência com o aumento do custo de produção. Há algum tempo víamos muitas propriedades com as vacas confinadas, sendo alimentadas com silagem e ração. Isso

encarecia muito a produção, enquanto a pastagem custa menos. Então temos observado uma parcela importante dos produtores migrando para a pastagem”, reforçou.

“Numa lavoura, a melhor terra sempre vai para o cultivo da soja e do milho, nunca para a pastagem. Os tratos culturais sempre são menores com a pastagem. Nossa missão é fazer com que o produtor destine parte da sua melhor área para que o gado possa se alimentar, dê o tratamento adequado para a pastagem, isso vai aumentar a produção e qualidade do leite além de ser uma excelente opção para rotação de cultura”, ressalta o agrônomo.

● **REPORTAGEM:**
JULIET MANFRIN



Medidas de proteção X mais qualidade

Na semana passada a cadeia do leite regressou numa espécie de desespero. O anúncio da retirada da tarifa antidumping aplicada por 17 anos para a importação do leite europeu e da Nova Zelândia no Brasil, os maiores produtores do planeta, escancarou as portas para esse mercado. O Brasil é autossuficiente na produção, mas grandes indústrias compram o leite em pó do Uruguai, dos países europeus e da Nova Zelândia para a produção dos derivados como queijos, manteigas, iogurtes, em detrimento do produto brasileiro. A justificativa da indústria está pautada na qualidade e no preço.

Após render muita polêmica e reação imediata do setor produtivo, nesta semana o governo brasileiro recuou e vai sobretaxar o leite vindo desses países em 42%. A medida passa a valer hoje (14).

Representa uma ação de contenção e que protege o mercado brasileiro, mas, para o segmento, tão importante que proteger é fomentar uma cadeia que invista em tecnologia, com a qualidade e a sanidade de modo que possa alcançar tanto o mercado brasileiro como o internacional, onde há muito espaço para crescer. Para se ter ideia, em 2018 o Brasil exportou cerca de 0,2% do leite que produziu e importou quase 4% do que foi consumido, a maior parte em pó vinda da União Europeia que contava com sobretaxa para a venda do produto ao Brasil.

“Tem muito mercado, então em vez de se preocupar apenas com medidas de proteção, se pode ou não entrar o leite de outros países, é importante ter um leite de qualidade, competitivo que possa ser vendido para o nosso e para outros mercados (...) a qualidade não é uniforme. Em uma propriedade o leite é muito bom, em outra nem tanto, existem esses aspectos que também precisam ser analisados”, reforçou o agrônomo do Instituto Emater Marco Antonio Abreu de Andrade.

“Temos que transformar o leite em pó e assim vendê-lo para todo o mundo”, completa o zootecnista Sérgio Antonio Abreu de Andrade.

Além da qualidade e da sanidade que deveriam ser mais bem aprimoradas e rastreadas, outro aspecto tem pesado na conta dos ruralistas brasileiros. Um importante mercado para o leite em pó nacional se fechou nos últimos anos. Responsável por uma fatia importante das exportações, o mercado venezuelano se cou com a crise que se acentuou nos últimos anos. “Precisamos chegar a mais mercados, alcançar outros países porque a produção de leite tem muito espaço no planeta. Mas precisamos aprimorar”, encerrou o zootecnista.

Contratação de crédito cresce 13%

Para o Moderfrota, por exemplo, recursos praticamente se esgotaram durante o Show Rural com R\$ 2,2 bi em vendas

A contratação de crédito do PAP (Plano Agrícola e Pecuário) entre médios e grandes produtores alcançou, de julho do ano passado a janeiro último, R\$ 93,73 bilhões, volume 12% maior do que o contratado no mesmo período da safra 2017/2018, que somava R\$ 83,89 bilhões. As contratações totais (empresarial e familiar) cresceram 13%, chegando a R\$ 110,2 bilhões, comparativamente ao mesmo período da safra passada (R\$ 97,6 bilhões).

O volume financiado para custeio, em alta de 12%, nesses sete meses, soma R\$ 53,8 bilhões. Mas a maior alta, de 26%, foi na modalidade destinada a investimentos, que já chega a R\$ 20 bilhões, ante R\$ 15,9 bilhões em igual período da safra passada.

De acordo com o diretor de Financiamento e Informação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Wilson Vaz de Araújo, esse desempenho traduz otimismo dos agricultores, uma vez que, entre as diferentes finalidades, os financiamentos de investimentos registraram os maiores aumentos. Neste e nos próximos meses deverão se intensificar os créditos de custeio para produtos da safra de inverno e para comercialização.

Para a atividade agrícola foram fechados 67.423 contratos, com aumento de 14%, e na pecuária, 26.307 (6%).

Entre os programas de financiamento, a maior alta (235%) foi registrada no Prodecoop (Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à



Produção Agropecuária). Com a aplicação de 780 milhões, foram financiados 79% dos recursos destinados ao programa.

O Moderfrota, um dos programas mais demandados do PAP, já tinha em janeiro desembolso de 66% do total previsto para 12 meses, com contratação de R\$ 5,696 bilhões, que representam 46% de alta sobre o montante financiado em igual período de 2017/2018. Em

casavel, durante o Show Rural, os valores teriam praticamente esgotado com R\$ 2,2 bilhões em comercializações em cinco dias de feira.

Do Moderagro, destinado a projetos de modernização e expansão da produtividade, 93% do volume de R\$ 839 milhões destinados ao programa já haviam sido emprestados até janeiro, representando aumento de 177% nas contratações.

Agricultura Familiar

Na Agricultura Familiar, o investimento registrou alta 55% na comparação com julho de 2017 a janeiro de 2018, sendo contratados R\$ 635 milhões. Para industrialização, o recurso financiado subiu 50%, somando nos sete meses transcorridos R\$ 7,40 bilhões, ante R\$ 4,94 no período anterior. O recurso de custeio contratado é de R\$ 8,45 bilhões, em alta de 1%. O total emprestado para produtores familiares soma R\$ 16,49 bilhões, com aumento de 20%.

Economia e Agricultura travam queda de braço sobre crédito



Para ministra da Agricultura, não se pode tirar recursos da Pasta de uma só vez

Em meio à tensão dos produtores com o risco de corte pela equipe econômica da oferta de crédito com taxas subsidiadas pelo Tesouro Nacional, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, alerta que um “desmame” radical dos subsídios pode desarrumar o agronegócio, que responde por 20% do PIB (Produto Interno Bruto) do País. “Vamos quebrar a Agricultura? É esse o propósito? Tenho certeza que não é”, diz a ministra. “Não pode criar um pânico no campo: acabou o dinheiro! Não é assim”.

A tensão entre os produtores cresceu depois que o presidente do Banco do Brasil, Rubens Novaes, afirmou que o “grosso da atividade rural” pode se financiar com as taxas de mercado. O ministro da Economia, Paulo Guedes, também avisou no Fórum Econômico Mundial de Davos que pretende cortar esse ano US\$ 10 bilhões da conta de todos os subsídios do Tesouro em 2019. Tereza Cristina, que liderou a bancada ruralista no Congresso, diz que o governo desenha um novo modelo de financiamento do setor agrícola, mas

assegurou que nada será feito de forma unilateral pela área econômica.

Segundo a ministra, “no Plano Safra atual, que não fui eu quem fiz, já foi difícil porque o dinheiro do Tesouro está cada dia mais curto. Enquanto não resolvermos esse déficit público, é uma briga porque está todo o mundo dentro da caixa. Tira daqui e põe ali. É uma dança das cadeiras dentro do mesmo salão. Não dá para crescer o salão. Já estamos conversando sobre novas maneiras de financiamento”.

Sobre as pretensões da equipe econômica que quer destinar o subsídio que é hoje direcionado para os grandes produtores para fortalecer o seguro, Tereza Cristina afirmou que “temos que ter muito cuidado porque estamos falando de 20% do PIB, que é o agronegócio que faz. Como é que isso vai se dar? Em quanto tempo isso vai acontecer? É uma medida radical? Eu brinco até que é um desmame. Você pode fazer o desmame radical e o controlado. Ainda está muito no campo das nossas ideias de lá e de cá. As nossas equipes estão

sentando agora para discutir”.

“Em todos os campos, não só agrícola, é preciso ter muito cuidado também para ver como se vai comunicar isso. Não pode criar um pânico no campo: acabou o dinheiro. Não é assim. Está sendo discutido. O seguro é prioridade do Ministério da Agricultura, resolver para melhorar, diminuir as taxas, ter mais estatística e ser mais distribuído. Ele existe hoje, mas é caro. Não é um seguro que o agricultor toma e fica confortável. Temos que evoluir muito. Os Estados Unidos levaram 40 anos para chegar num modelo”.

CORTE DA SUBVENÇÃO

Questionada se o corte da subvenção ocorrerá já para o próximo plano safra (julho de 2019 a junho de 2020), a ministra informou que isso ainda não está pacificado. “Está sob a mesa ainda em discussão. O Ministério da Agricultura tem que dizer o que ele pensa e quais são as consequências para a equipe econômica. É sempre uma guerra. Vamos começar a discussão. Isso não está decidido”.

“Primeiro temos que ter uma discussão mais profunda. Não estou dizendo que eu sou contra fazer, mas temos que ter um tempo. Vamos tirar quanto dos grandes produtores? Qual a fonte de financiamento nova dos grandes? Quanto de juros estará disponível? É mercado livre? É, tá bom, o que os bancos privados vão fazer? O Banco do Brasil tem hoje 46% do crédito rural”, seguiu.

QUEBRAR A AGRICULTURA?

Tereza Cristina destacou ainda que a discussão tem que começar, mas não é unilateral. “Se fosse, não precisava vir aqui na Agricultura. A Economia resolvia com os bancos e ponto final. Não é isso. Vamos quebrar a Agricultura? É esse o propósito? Tenho certeza que não é. Foi criado um grupo de trabalho entre o Banco Central, Economia e nós. Está apertado o Orçamento, então vamos trabalhar. Por exemplo, os pequenos têm hoje juros 2,5% até 4,5%”. “Estamos de acordo em subir um pouco. Há espaço de manobra. Teremos que ceder aqui e eles vão ter que ceder de lá”, concluiu.

China compra menos carne brasileira

As exportações totais de carne bovina (*in natura* e processada) desaceleraram em janeiro e se mantiveram próximas do mesmo número de janeiro de 2018 devido, principalmente, a uma redução das compras da China por intermédio de Hong Kong. No total, o Brasil exportou neste ano 123.472 toneladas contra 123.712 no primeiro mês de 2018. As receitas, no entanto, caíram bastante: de US\$ 517,6 milhões em 2018 foram para US\$ 457,3 milhões em 2019, ou seja: redução de 12%. As informações são da Abrafrigo (Associação Brasileira de Frigoríficos), que compilou os dados fornecidos pelo

Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), através da Secex/Decex.

A China continua sendo o maior cliente do produto brasileiro, absorvendo 41,4% do volume exportado, mas em janeiro Hong Kong reduziu suas importações em 27%, de 37.706 toneladas em 2018 para 27.594 toneladas em 2019, enquanto o continente aumentou seus negócios em 3,3%, de 22.788 toneladas para 23.540 toneladas. O Egito foi o segundo maior comprador, com 14.151 toneladas contra 12.814 toneladas em 2018 (+10%) e o Chile o terceiro,

com 6.568 toneladas (-6,4%).

A boa notícia incluída na movimentação de janeiro foi o retorno da Rússia nas aquisições da carne bovina brasileira. As compras ainda foram modestas em relação às mais de 150 mil toneladas que aquele país adquiriu em 2017, mas já alcançaram 3.105 toneladas contra uma movimentação praticamente inexistente em 2018.

Para 2019, a Abrafrigo prevê um crescimento na faixa de 5% nas exportações totais de carne bovina em relação a 2018. No total, 60 países aumentaram suas importações em janeiro enquanto outros 50 diminuíram.

Associação contesta dívidas do Funrural

A Abrafrigo (Associação Brasileira de Frigoríficos) voltou a contestar em nota o valor de R\$ 15,3 bilhões para a dívida retroativa do Funrural dos produtores rurais e dos frigoríficos que vem sendo divulgado nos meios de comunicação e apresentado como sendo dados da Receita Federal. “Esse número não reflete a realidade, está superestimado e sendo utilizado apenas para se atribuir culpa aos produtores rurais e aos frigoríficos pela existência de uma dívida que não é deles e que, por sinal, nem deveria existir”, disse o presidente executivo da Abrafrigo, Péricles Salazar. “A Receita Federal está iludindo e dizendo inverdades para a mídia brasileira, querendo com isso prejudicar a imagem dos produtores e das indústrias por uma culpa que não lhes cabe”, acusa.

Ele lembrou que quem criou

o problema foi o STF (Supremo Tribunal Federal) que, em 2010, julgou inconstitucional a cobrança do Funrural e, com essa decisão, os produtores rurais ficaram desobrigados de fazer o recolhimento do imposto devido. “Em 2017, portanto sete anos depois, surpreendente e injustamente, o STF, em decisão política, reformulou essa decisão, voltando atrás e reconhecendo como constitucional essa cobrança. O setor aceitou isso e, desde então, os produtores rurais e frigoríficos vêm cumprindo normalmente com este compromisso, num total de R\$ 300 milhões mensais de contribuições somente no setor da carne bovina. Para o setor, esta dívida que se considera acumulada nos sete anos em que o Funrural não foi exigido, não existe, em razão das centenas de decisões judiciais de primeira e segunda instância em todo o País”, afirmou o presidente executivo.

ALTON SANTOS



Redução na safra de grãos

A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) revisou para baixo e cortou 3,165 milhões de toneladas da sua estimativa para a safra de grãos 2018/2019. Em relatório divulgado nesta semana a autarquia estima uma produção de 234,125 milhões de toneladas. Ainda assim um aumento de 2,8% em relação à temporada 2017/2018, com 227,674 milhões de toneladas.

“A produtividade supera a marca positiva anterior, mesmo em meio à falta ou ocorrência de chuvas pontuais, além da incidência de temperaturas elevadas em algumas regiões de maior produção”, analisa a Conab, em nota.

Uma das culturas afetadas pela falta de chuvas foi a soja. Paraná e Mato Grosso do Sul foram os estados onde as lavouras precoces mais sofreram, mas outras regiões também tiveram perdas. Assim, a Conab cortou sua estimativa para a principal cultura agrícola do Brasil, de 118,800 milhões para 115,343 milhões de toneladas.

Perdas se consolidam pelo Brasil, mesmo assim esta safra deve ser maior que a passada

www.fordcaminhoes.com.br/ofertas

duplo

CARGO 816 E 1119 COM VALORIZAÇÃO DO SEU USADO



Konrad
caminhões

RODOVIA BR 277 KM 583, S/N
CASCAVEL VELHO, CASCAVEL - PR

Confira os serviços da Ford Caminhões:



Seu mundo não pode parar



0800-703 FORD
3 673

FONE: (45) 3227-5597 No trânsito, a vida vem primeiro.

2 ANOS
DE GARANTIA